

Cinema/O Último Tango 2
TV/Artes Plásticas 3
Classificados 4 a 9
Passatempo 10
Hélio Dórea/Uchôa de Mendonça 11
Motor 12

Caderno 2

ARTES E LAZER

VITÓRIA (ES), QUARTA-FEIRA,
7 DE NOVEMBRO DE 1979

A HISTÓRIA ESTÁ SENDO DESTRUÍDA

A522770



A arquitetura que lembra antigas tradições foi literalmente destruída.

Inexoravelmente, a história é destruída. As vezes documentos são rasgados, perdidos, às vezes pessoas importantes morrem sem deixar nada escrito ou documentado, às vezes fotos importantes que documentam o passado são destruídas, às vezes prédios ou casas são jogadas ao chão para dar lugar a um prédio novo, com linhas modernas.

Agora mesmo, na semana passada, um bucólico solar na Vila de Santa Cruz é destruído, a mando de seus próprios herdeiros, que naturalmente precisam do dinheiro do terreno para viver. A construção data de 1920 e antes de ser jogada ao chão ficou longo tempo com a inscrição "vende-se".

Otro dia caiu um dos mais importantes prédios do Porto de São Mateus, um dos berços da civilização capixaba. Agora foi o solar dos Lamegos, na bucólica Vila de Santa Cruz, que foi destruído a mando dos herdeiros, extinguindo parte de uma rica história que se desenrolou no século passado. A marca de sua longevidade estava expressa nas telhas francesas que alguns colecionadores acorreram ao lugar para incorporá-las a acervos particulares.

A CASA DOS INFLUENTES

Era a casa do intendente Augusto Ferreira Lamego, o mais influente chefe político da localidade, numa época em que Santa Cruz era o centro econômico de uma extensa região do norte capixaba. Segundo o professor Placidino Passos, seu genro, Augusto Ferreira Lamego influenciou na escolha de dois

fessor Placidino Passos, seu genro, Augusto Ferreira Lamego influenciou na escolha de dois prefeitos do município, seu filho José Lamego e genro Decleciano Tabachi. E ele Placidino, foi deputado estadual por influência da família, especialmente de seus cunhados Landerico e Lourival.

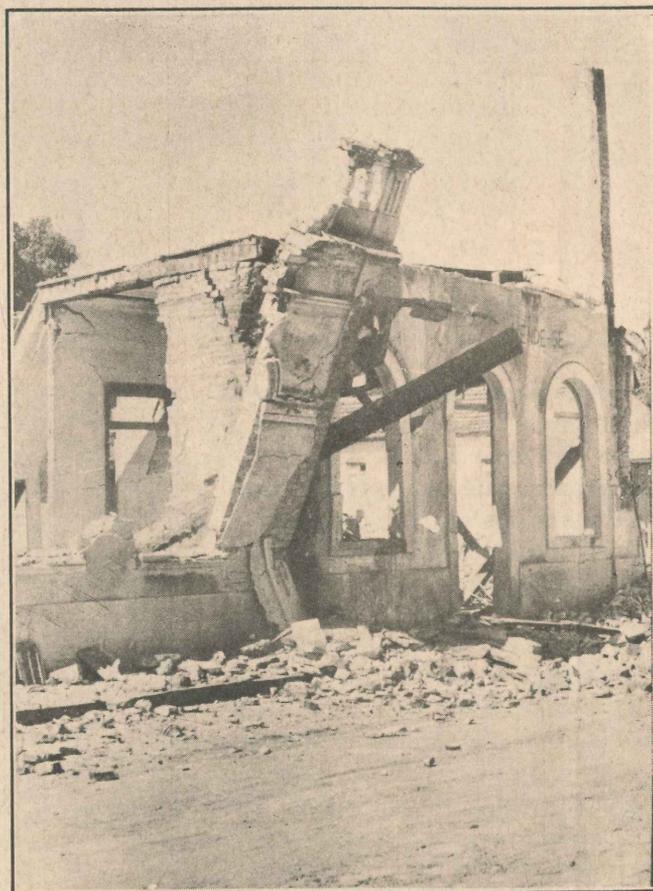
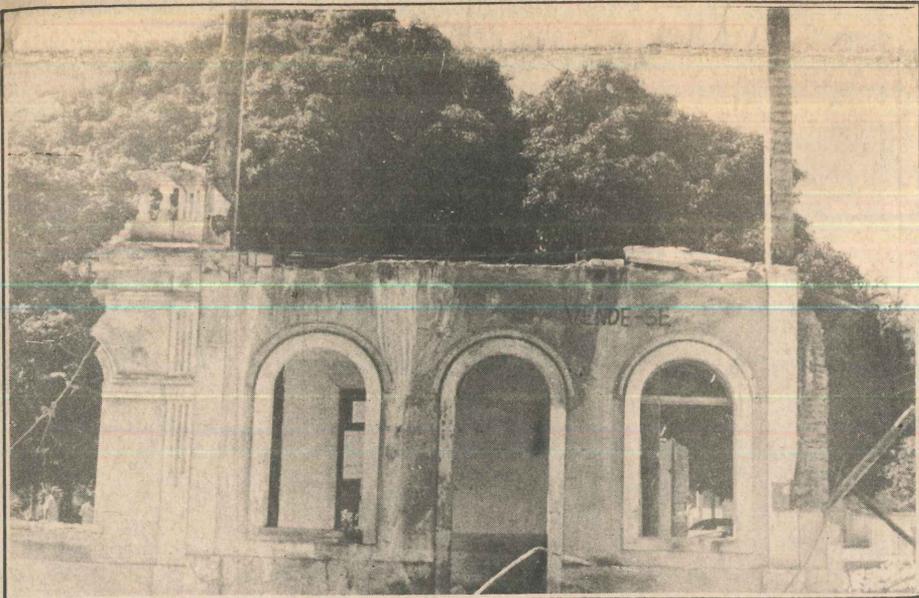
Placidino, que lecionou na Vila de Santa Cruz entre 1911 e 1921, pesquisou a fundação do lugar e descobriu que Santa Cruz foi fundada em 1556 pelo frei Lourenço Braz e o índio tupiniquim Maracaiguaçu (quer dizer gato grande). Antes ela era chamada Aldeia Velha por causa dos índios que viviam no lugar. A ação inicial do frei Lourenço Braz foi a da catequese.

A princípio, Santa Cruz foi freguesia. Durante algum tempo viveram no lugar os índios que acabaram se fixando junto com outros em Caieiras Velhas, fugindo da expansão da cidade e da afluência de civilizados. Embora até certo tempo Placidino tenha acreditado que Araribóia também pertencesse à tribo Tupiniquim, recuou, porém, na sua descoberta diante da negativa da historiadora Stela Novais, que assegura que esse índio não era tupiniquim.

DECLINIO DA CIDADE

Depois de quase 400 anos de prosperidade, Santa Cruz, ao ceder a sua condição de sede do município para a Vila de Saussu, que virou sede do município com o nome de Aracruz, em 1954, entrou em declínio, perdeu o seu comércio e parte de sua população, transformando-se apenas num ponto de atração para veranistas. A despeito da fábrica da Aracruz Celulose encontrar-se distante apenas 12 quilômetros, em nada influiu na sua vida. O local apenas experimentou uma intensa movimentação por ocasião do período de construção civil da fábrica.

Atualmente vivendo da expectativa da instalação de uma Usina Nuclear, a vila está na mesma rotina que marca a sua existência desde 1954, quando deixou de ser sede do município. Dos seus 800 habitantes, alguns se ocupam da pesca, do comércio e outros trabalham em empresas da **holding** Aracruz Celulose, na região do Coqueiral. A vida é monótona. Dos Lamegos, o único que persiste no lugar é o ex-prefeito José Lamego, já que o resto da família mudou-se para a capital, não impedindo, no entanto, que ainda outros mais antigos revivam a história do intendente Augusto Ferreira Lamego, um tabelião ligado às letras e à filosofia, a ponto de colocar no alto de sua casa um globo terrestre com alusões aos intelectuais, peça que rolou junto com os escombros do seu solar, que era o marco mais vivo da história de Santa Cruz.



O processo de destruição é rápido, impiedoso. Nada lembra o demorado trabalho, quase artesanal, que os nossos antecessores tinham gosto e tempo para fazer.

